

Folha d'Ovar

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 "
Fôra do reino acresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.

Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E EDITOR

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. Annun-
cios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.



Ovar, 29 de agosto

O PARTIDO NOVO

O papa e o geral dos jesuitas, o papa branco e o papa negro, como os chama o povo de Roma, são dois poderes cosmopolitas, dos quaes o segundo ora se subordina, ou antes se allia, ao primeiro, ora o influe, e domina, ou affronta.

Para bem se avaliar a acção de ambos é preciso não considerá-la só religiosa, mas politica, e sobretudo debaixo d'este aspecto.

Não teem sido pois constantemente as mesmas as suas relações, e tanto na igreja em geral, como na Sociedade de Jesus, sempre houve partidos, e ora uns ora outros prevalecem.

Regulemo-nos pela França e vejamos quaes eram as doutrinas politicas do clero francez desde 1830 a 1860, e quaes são agora, ou depois de 1877.

O bispo Dupanloup dizia em 1845:

«Nós queremos todas as liberdades—as instituições livres, a liberdade de consciencia, a liberdade politica, a civil, a industrial, a das familias, da educação, das ideias, e a igualdade perante a lei! tudo isto o aceitamos francamente—immola-

«mos á grande luz das discussões publicas os principios de 89.»

O abbade Bautain, vigario geral da diocese de Paris, nas suas conferencias em *Notre-Dame*, de 1847 a 1848—«A liberdade politica n'um povo é a condição da sua existencia religiosa—uma guerra continúa ás más paixões: defende o interesse commum contra o egoismo, a unidade do Estado contra as ambições individuaes—«Com as suas luctas não é favoravel á paz da existencia: mas quando se trata da dignidade do homem, das suas forças, da sua grandeza, das provas a que está sujeito, então diremos, que aconteça o que acontecer, convem que os homens sejam activos com todas as prerogativas e inconvenientes da liberdade.»

O bispo de Langres, Monsenhor Parísís, publicava a *Theologia da liberdade*, de «que publicaremos alguns extractos ainda mais positivos sobre a liberdade dos cultos, sobre uma religião do Estado, sobre a liberdade da imprensa, e do ensino, e sobre o culto publico, etc., etc.»

Em 25 de fevereiro de 68 o arcebispo de Cambraia escrevia: «A igreja foi a primeira a proclamar ao mundo as ideias de liberdade,

«de humanidade, e de fraternidade universal.»

O cardeal, bispo de Bourges, em 6 de março—«Os principios que vão começar uma nova era, são os que a igreja sempre proclamou.»

Os bispos de Gap, d'Aix, de Chalons, de Nevers, affirmam nas suas pastoraes, que «esses principios são a expressão mais pura do Evangelho.»

«O mesmo os bispos de Séz, d'Angoulême, de Nancy.»

O bispo de Langres, acerca do suffragio, accrescentava «o principio da egualdade perante Deus é rigorosamente posto em pratica n'esta operação—todos teem o mesmo direito ao seu voto—Não existe a menor differença entre a lista do pobre, do serviçal, do operário, do rico, e do nobre: eis a realisação social das palavras do Apostolo: «Não ha distincção alguma entre vós», etc.

No seu livro *A Democracia perante o ensino catholico*, o mesmo prelado ainda é mais expressivo.

Mas em 1856 os jesuitas de Paris foram accusados de liberalismo pelos de Lyon e de Roma.

Estes venceram. O abbade Godard, que em 1861 ainda ousou publicar a sua obra *Os principios de 89 e a dou-*

trina catholica, foi obrigado a retratar-se.

hombro, debruçados sobre o O da ponte.
Na Calçada, á porta de uma livraria, discute-se entre estudantes: é Alexandre Braga, que apostropha calorosamente o golpe de estado, de 2 de dezembro, em França; é Emygdio Garcia, que o apoia; é José Dias Ferreira, que observa o caso, á luz do direito natural; é Barjona de Freitas que, a tal proposito, conta casos e faz rir os mais sérios. Um pouco adiante, para os lados do rio, Soares de Passos, passeando lentamente com um pequeno grupo, ostenta a sua bella e prematura calvicie, cofia tristemente o seu bigode chinês, pendido aos cantos da bócca, e vae recitando a sua recente elegia:

Cansado, ai, já cansado, quando a vida
Em flôr nascente desabrocha ao mundo...

Vieira de Meirelles nota-lhe um gallicismo; e Thomaz Ribeiro vol-

trastado pela lama, sem perspicacia para vêr o fundo do abysmo. Pensára na fama aureolando o seu nome odiado pelas gerações antigas: ia limpar o labeu tristissimo, encher-se, refocilar-se no cofre prenhe de dinheiro. Acreditára na epopêa cantata em seu louvor pela gentilha avinhada, egualmente avida do dinheiro do municipio.

Fôra um sonho, uma illusão!
Evapora-se ao tocar na realidade fria, na gelida opposição popular, na desconfiança de todos, na ambição desmedida da turba. O nome, a fama idealisada cahiu, arrastando-se na lama de envolta com os ébrios. O cofre exausto pela fome canina de tantos lebreus era fiscalizado pelas bôccas esfaimadas.

Julgava-se idolo, e era apenas um instrumento reles, mesqui-

trastado pela lama, sem perspicacia para vêr o fundo do abysmo. Pensára na fama aureolando o seu nome odiado pelas gerações antigas: ia limpar o labeu tristissimo, encher-se, refocilar-se no cofre prenhe de dinheiro. Acreditára na epopêa cantata em seu louvor pela gentilha avinhada, egualmente avida do dinheiro do municipio.

Fôra um sonho, uma illusão!
Evapora-se ao tocar na realidade fria, na gelida opposição popular, na desconfiança de todos, na ambição desmedida da turba. O nome, a fama idealisada cahiu, arrastando-se na lama de envolta com os ébrios. O cofre exausto pela fome canina de tantos lebreus era fiscalizado pelas bôccas esfaimadas.

Montalembert morreu desesperado contra Roma.
Desde então as doutrinas politicas do clero, hoje todo influido pelos jesuitas, mudaram, como veremos no artigo seguinte, e são essas as de Mermillot, de Cheneslong e do conde de Mun, formalmente expressas nos seus discursos diante dos bispos em nome das associações chamadas catholicas, e que são dirigidas por ultramontanos.

E são essas as que invoca o sr. Barros Gomes no seu artigo—*A Reforma Inicial*.

De modo que o sr. Barros é uma caricatura de ultramontano na monarchia liberal, e é uma caricatura de liberal no partido novo, que não é, nem hoje póde ser outra coisa senão um partido de jesuitas.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

X

Berlingas

«Fôra um sonho, uma illusão. Deixára-se ir na corrente, ar-

ta-se distrahidamente para uma gentil tricana, que vai passando, de bilha á cabeça, e atira-lhe um petardo:

Nenhuma tricana imita
tamanha graça e lindeza.
E dizem todos—Bonita!
e tu nem olhas, Thereza!

A Thereza olha, sorri, e continúa batendo nas pedras da calçada os seus tamancos novos, d'onde resai um pé alvissimo e metade de uma perna, que é o engodo de meia Coimbra nas fogueiras de S. João.

E os poetas vão-lhe no encaço, só para vêrem como ella se debruça, ao mergulhar a bilha na agua do Mondego. Não passaram porém da *Portagem*, porque Vieira de Castro, tomando as guardas da ponte por tribuna, declamava contra o fóro universitario, e condemnava eloquentemente o uso da capa e batina academicas, como reliquias obsoletas de passadas barbarias.

GAZETILHA

REPETIDA

O Doutor Cantata

Caracter ventoinha, catavento,
Politico dos taes de furta-côr,
Sem fé, sem consciencia, sem pudor,
Barcaça a navegar com todo o vento!

De falsos palavrões declamador,
E n'elle tudo burla, tudo invento!
Mentira, hypocrisia, fingimento,
Papel de charlatão e de impostor!

E regenerador, se lhe faz conta,
Reformista, granjola e democrata,
Troca-tintas, enfim, que a tanto monta?

N'estas tristes verdades se retrata
O typo do famoso mosca-tonta,
E grande massador—Doutor Cantata!

(«A Tocha.»)

Annibal Metralha.

Mais ao lado, na estrada da Portella, um grupo numeroso, formado de Francisco Palha, Manoel Penha Fortuna, Guilhermino de Barros, barão do Salgueiro, João Chrysostomo Melicio, José de Ornellas, João Ramires e outros, faziam cerco a um pobre caloiro, que commettera a imprudencia de sahir de casa em vespera de feriado.

O caloiro, cobrindo-se de suores frios, estacou. Francisco Palha interrogou:

—Como te chamas, ó tu?

—Silvano,—disse o caloiro, a tremer.

—Teu pae não te deu appellido?

—Silvano da Silva...

—Isso é pleonasmio, ó lórpa!—acudiu o Penha Fortuna;—já sabes o que é pleonasmio?

—Meu pae tambem se chama... —gaguejou o desgraçado.

(Continúa.)

Folhetim da FOLHA D'OVAR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

O BACHAREL RAMIRES

HISTORIA D'UM DISSIDENTE

CAPITULO I

Vesperas de feriado

Já lá vão quarenta annos, ou pouco menos.

Nesse tempo, como ha tres seculos, como hoje, a Coimbra academica coroava-se com os louros da sciencia, desde a *Porta Ferrea* até á *Porta de Minerva*, e absorvia-se em devaneios de poesia dulcissima, desde o *Penedo de Saudade* até ao *Choupal* e á *Quinta das Lagrimas*

(1) E', em gíria academica, o nome da sineta que, em vespera de aula, é tangida á tarde, como para chamar a academia ao estudo da noite. O toque da «cabra» é, para a «milicia» academica, o toque de recolher.

inho, de que o Porteira da administração se ria: julgava-se rico, opulento, com o dinheiro do cofre, e é apenas um pobre sa-lafraio pensando no ordenado do Hospital.

Berlengas, o povo condemnou-te a expiar muitos crimes commettidos por um bando de selvagens, e as gerações futuras amaldiçoarão o teu nome, como as gerações antigas imprimiram o estygma da maldição na fronte d'aquelles que espoliaram o povo dos seus haveres.

O sangue das victimas cahirá sobre ti, miseravel Berlengas; apesar de seres um miseravel que mettes nojo.»

(Do Povo d'Ovar n.º 79).

O crime de S. Vicente

(Continuado do n.º 107)

Em 9 de junho de 1893 festejou-se no lugar da Torre, da freguezia de S. Vicente, o Coração de Jesus. Teve esta festa arraial, como é costume nas festas d'aldeia.

Antes d'este dia, um grupo de pessoas pertencentes á freguezia de Vallega se havia concertado e premeditado o desígnio de ir ao referido arraial da Torre, e ahí, usando a phrase popular, mostrar aos individuos ou rapazes da freguezia de S. Vicente, que não tinham medo d'estes, e que os haviam de levar de vencida nas suas rixas, como já o tinham feito no arraial de S. Donato, e n'uma sachada antecedente.

Estes torneios populares em que grupo de pessoas de diversos lugares se batem em lucta, são ainda hoje frequentes entre o nosso povo, resto de uma civilização passada, manifestação atavica talvez dos nossos antigos guerrilheiros.

A gloria d'estes grupos consiste em vencer o adverso, caia embora algum morto, ou fiquem no campo da lucta feridos. A sua paixão, no acto de se baterem, revela-se nas expressões «é para agora, quem tiver roupa puxe por ella, antes matar do que ser morto, mãos á obra, salve-se quem poder.»

N'estes combates ou torneios,

quem é que fere? quem é que mata?

Não se sabe.

De dia que se dê a lucta, difficil é apontar o que feriu, ou indicar o que matou.

A rixa que se deu no dia 9 de junho do anno passado, no referido arraial da Torre de S. Vicente, nem sequer se pôde comparar a estes torneios populares. O povo de S. Vicente em festa se divertia pacificamente. Ahí appareceu o grupo de Vallega em terra estranha, com designios aggressivos e antecipadamente elaborados, praticando assim uma provocação manifesta, e fazendo despertar no espirito d'aquelle povo ali reunido uma ideia de revolta igual áquelle que apparece contra aquelles que em nossa propria casa nos vem espancar e desafiar.

Até ás 8 e meia horas da noite se conservou a ordem e a tranquillidade no arraial; apenas uns começos de desordem ou disputas que terminaram sem consequencias.

As 8 e meia horas, porém, quando grupos de povo iam sahindo do arraial para suas casas, em frente da viella do Rabaçal, nasce um conflicto devido ao facto de uma creança e uma mulher atirarem pedradas para o grupo de Vallega que estava á entrada da viella. Esta imprudencia de creança foi o sufficiente para que o grupo de Vallega proferisse o seguinte signal d'alarme: «rapazes, uma pedrada requer um tiro; quem tiver roupa puxe por ella.» D'aquí principiou um ataque a pau por parte dos de Vallega contra os de S. Vicente. Em breve rebentou um tiroteio de parte a parte, dando em conclusão ficar um homem morto no campo da lucta, e um outro mortalmente ferido, que veio a morrer a sua casa, em Guitovae. Além destes, de um e d'outro lado houve feridos, de um e d'outro lado houve combate a tiro de revolver. Nem o corpo de delicto directo, nem o indirecto, chegam a mostrar d'uma maneira clara, certa e evidente, quem são os criminosos ou auctores dos crimes de que o libello falla.

O corpo de delicto directo é deficientissimo, e a sua falta ou

deficiencia não a suppre a decisão condemnatoria do jury, porque é dos autos e não da consciencia dos juizes de facto que ha-de constar a verdade de modo irrecusavel. (Dias Ferreira á N. R. J. pag. 242).

Os depoimentos das testemunhas terminam todos por dizer: «ignoro quaes os que atiraram os tiros»; e de muitos réos fallam, dando-os como fóra do local do conflicto.

Ao appellante Albino da Silva Figueiredo se referem dois depoimentos de testemunhas de accusação, nos quaes se diz claramente que elle não estava na desordem que se deu na viella do Rabaçal: na occasião do tiroteio estava com José Rodrigues d'Oliveira Santos, a mulher d'este e outras pessoas.

A prova de defeza bem clara foi em afirmar que não só todos os appellantes, mas ainda outros réos de que falla o processo, não tomaram parte no conflicto que se deu ás 8 e meia horas na viella do Rabaçal.

Foi com estes indícios que o jury deu a sua decisão condemnatoria, iniqua e desigual. A sua consciencia não se convenceu pela prova, foi arrastada pela corrupção e pelo odio, e o seu *verdictum* ao proferirse, foi acolhido pela indignação do publico entendido e não entendido.

Poucas vezes teria melhor cabimento o facto do magistrado que presidiu a este julgamento, dar a decisão do jury como iniqua. O digno representante da accusação, bem manifesto o mostrou quando ao ouvir ler a decisão do jury proferiu estas palavras: «nunca vi o jury julgar assim.» Quizesse-o dizer em sua minuta!

Se a sua convicção o dominar, talvez não se furte á isso, e alguma coisa diga que revele a iniqua desigualdade com que o jury julgou os réos d'este processo.

Os appellantes Albino da Silva Figueiredo, Victorino da Silva Figueiredo, José Ferreira de Carvalho e Manoel Valente de Andrade, convenceram com a sua prova firme e conteste a opinião do publico da sua innocencia. Esta já antes convencida estava de que não eram

elles os verdadeiros criminosos e auctores dos crimes a que se refere o libello.

(Continúa)

As audiencias geraes

II

Ainda resoavam bem alto os clamores da multidão; ainda os protestos vehementes de quantos presenciaram a discussão e julgamento dos réos de S. Vicente de Pereira, produziam uma corrente de sympathia a favor dos condemnados; ainda se divisavam nitidamente no resto de todos os signaes caracteristicos da sua indignação por tão mal pensada *verdictum*, quando um novo facto, uma nova decisão veio enlutar ainda mais se é possível, a alma da massa popular, d'essa soberana apreciadora dos actos publicos que estão debaixo da sua alçada. Referimo-nos á decisão do jury, que deu como não provado á querellada Maria José de Pinho Gilvaz o crime de desaparecimento d'um individuo do sexo masculino, seu filho, o qual ainda foi visto morto, proximo da lareira da casa de habitação da querellada com o cordão umbelical muito curto e nitidamente cortado.

Não se pôde calcular a indignação produzida por este resultado, a qual, afinal de contas, tinha facilissima explicação no resultado do anterior julgamento. Vinha bem de perto ainda a dolorosissima impressão causada pela condemnação de rapazes imberbes e laboriosos, cujo registo criminal attestava terem tido uma vida illibada! Estava muito viva ainda a dôr produzida pela selecção das decisões em réos accusados do mesmo crime e contra quem foram produzidas as mesmas provas! E que provas!!? Vêr innocentes, convencidos n'uma discussão, tomarem o caminho da Penitenciaría e ao mesmo tempo um crime repugnante ser galardoado com a absolvição, é triste e bem triste! Não inquirimos das causas motôras que originaram taes resultados; não discutimos as decisões do jury; apreciamol-as apenas em face do criterio da boa razão e dos

principios de justiça. Na realidade absolver uma mulher que, premeditadamente, attenta e corta o fio da existencia a um innocente recém-nascido, sem elementos de defeza, sem forças para poder reagir contra o monstro humano, que, esquecendo-se dos mais rudimentares deveres de mulher e mãe, se atôla no lodçal do crime vil e repugnante, é a demonstração mais completa do estado a que chega o jury; é o reconhecimento mais cabal da necessidade imperiosa que os governos teem de olhar muito maduramente para a reorganização dos tribunaes em julgamentos que ainda hoje estão sujeitos á apreciação do jury.

O notavel estadista Lopo Vaz bem conheceu tudo isto e deu já um grande passo, restringindo, quanto lhe foi possível, a intervenção do jury nos julgamentos. Fez muito, é forçoso confessar, mas não teve ainda assim a coragem de fazer tudo. Impõe-se cada vez mais a necessidade da criação de tribunaes collectivos que, extranhos completamente a influencias do meio, exerçam a acção da justiça quer em face das provas resultantes da discussão, quer em face do conhecimento que porventura tenham das circumstancias que revestiram o facto discutido. Alliar em julgamentos importantes os juizes de facto aos juizes de direito affigura-se-nos de alta conveniencia para os interesses sociaes e para a boa administração da justiça. Se não se deve deixar a sorte de um cidadão á apreciação exclusiva do juiz singular, que pôde enganar-se e até apaixonar-se, tambem nos parece que não deve abstrair-se por completo da sua intervenção e opinião por via de regra illustrada e sciente e fazer d'elle um simples executor, um méro applicador da lei.

Sujeitar por isso os julgamentos, que ainda hoje competem ao jury, instituição que em theoria é indubitavelmente das mais liberaes, mas que na pratica tem altissimos inconvenientes, já pelos defeitos de organização, já por factos, quantas vezes, extranhos á sua vontade, a um tribunal colectivo orga-

(2) Folhetim da FOLHA D'OVAR

OS ENCANTOS DA HARMONIA

TRADUÇÃO DE

JAYME CIRNE

III

Tinha completado Cecilia os seus quinze annos quando sahiu do convento. Ornada com todas as prendas necessarias, Cecilia dentro em pouco tornar-se-ia uma mulher altamente superior. Por diferentes vezes a tinham já pedido em casamento a sua mãe, que passava por ser muito rica; o que era devido á criada Alain, a quem seu irmão, porteiro do tribunal criminal, servia de conselheiro; fazia esta mulher com que a riqueza contra-hisse emprestimos mediante premios extraordinarios, que se obrigava a pagar; e como as suas rendas eram sempre as mesmas, cada vez se via em maior apuro, posto que a casa conservasse a mesma apparencia de grandeza; os fornecedores, os criados, os atrazados pagos, ninguem se queixava,

tudo dava lugar a crer que a menina Chatenay receberia um dote proporcionado ao seu alto nascimento. A riqueza, que sem embargo da sua indolencia, não ignorava o mau estado da sua fortuna, e convencida de que nada poderia dar a sua filha, queria casal a sem dar-lhe cinco réis; o que não era tão facil como alguns pensam. Contudo, chegon a effectuar este projecto mais breve ainda do que ella esperava. Após a morte do Marquez de Chatenay, tinha-se reduzido muito o numero dos amigos que d'antes frequentavam a sua casa; quasi que não recebia outras visitas a não ser a de seu sobrinho, o cavalleiro de Lugni, filho d'uma sua irmã, do qual mais adiante fallaremos, e de alguns amigos antigos de seu marido, cuja memoria respeitavam, e por isso não tinham abandonado a sociedade da sua viuva.

Distinguia-se entre elles o conde de Blaincourt, tenente general, gran-cruz da ordem de S. Luiz, cavalleiro distinctissimo, possuidor de uma fortuna consideravel, e gosando ao mesmo tempo de uma consideração altamente merecida a todos os respeitoes. reunindo a tudo isto uma indole e um caracter dos mais estimaveis. Tinha sido formoso na sua mocidade, e actualmente, sem embargo dos seus

sessenta annos, podia ser preferido a muitos moços.

Tendo envidado aos trinta e oito annos da sua idade, sem ter tido filhos, tinha tomado a resolução de não tornar a casar, unicamente porque estava convencido de que não encontraria jámais outro objecto digno de substituir a esposa que perdera.

Depois do fallecimento da esposa, empregava todos os seus affectos em um sobrinho, filho de seu irmão, a quem queria deixar toda a sua fortuna; porém, este infeliz morreu de hexigas aos vinte annos. Foi tal a paixão que d'isto teve o conde, que esteve a ponto de o seguir á sepultura, e por muito tempo a sua vida esteve duvidosa. Mas, finalmente, o tempo, que é o grande consolador, foi a pouco e pouco cicatrizando esta chaga, e tornou o conde a apparecer novamente no mundo. Foi precisamente n'aquelle tempo que, segundo os seus costumes antigos, indo oferecer os seus serviços á riqueza, viu pela primeira vez em sua casa a sua incomparavel filha. Nunca vira creatura mais perfeita, e na sua imaginação logo a comparou áquelle que tinha gravada no coração pelo mais terno amor. Cecilia pareceu-lhe mais formosa; mas teria ella tão boas qualidades como aquella que perdera?

Se não a julgasse senão pelo exterior, tinha provas para assim o crer. O ar modesto de Cecilia, os seus bellos olhos, que tinham uma expressão tão terna, representavam-lha como um anjo sob a figura d'uma belleza terrestre. Mas dizia elle: consigo mesmo:—Quem sabe se isto não será effeito da educação que recebeu, a que talvez não corresponda o fundo do seu coração?! E de mais a mais, que me importam as boas qualidades e prendas d'uma menina de quinze annos, a mim que tenho mais de sessenta?—Em seguida deu um suspiro e continuou: Se o meu pobre Alfonso (era este o nome de seu sobrinho) ainda fosse vivo, que felicidade seria a minha, poder unir dois entes tão encantadores!

E fazendo as suas reflexões sobre uma felicidade, que já não podia existir para elle, fitava os olhos em Cecilia, e bebia em seus olhos um veneno, do qual até áquelle momento entendera não ter já nada que recear. Madame Benaist que ouvia com summo prazer os elogios que se davam a Cecilia, lembrou á riqueza de a mandar tocar piano, para julgar dos progressos que tinha feito.—Sim, respondeu a riqueza de Chatenay, o conde dará o seu parecer, pois quanto a mim, ha muito tempo que renunciei a musica, e porisso não posso ser

juiz competente n'esta materia. Assentou-se Cecilia ao piano e principiou a tocar. Ficou o conde fóra de si; apoderou-se d'elle um enthusiasmo que não é possível definir. Tocou Cecilia uma *Sonata de Beethoven* tão magistralmente, que não se podia desejar mais.

Mr. de Blaincourt não podia conter o arrebatamento; e receiando dar a conhecer o que se lhe passava no fundo do seu coração, foi sentar-se n'uma cadeira na extremidade da sala, e tapando com uma das mãos os olhos, gozou em silencio do encanto da harmonia. Algum dia veremos Cecilia produzir por este meio effeitos ainda mais assombrosos. Tendo acabado de tocar, a riqueza, que apenas lhe dera attentão, perguntou ao conde o que lhe parecia do talento de sua filha para a musica.—Chegou, respondeu elle, a tal gráo de perfeição, que não é possível desejar outra coisa senão ouvil-a tocar continuamente. Cecilia còrou um pouco; porém, ao mesmo tempo lisongeava-se muitissimo ao vêr-se louvada por um homem cujo suffragio tanto mais apreciavel era, pela persuasão em que estava, de que não podia ter intenção de enganar-a por meio de falsos louvores.

(Continúa)

nisado segundo os principios expostos, seria de todo o ponto conveniente e unica forma de acabar com um grande numero de iniquidades. E parece-nos que sem muito trabalho se conseguiria este desideratum.

O juiz de direito, funcionando com os seus quatro substitutos, constituiriam, a nosso ver, um tribunal colectivo onde se encontrariam perfeitamente representados, os dois elementos que desejaríamos ver no tribunal para o julgamento dos delictos ainda hoje sujeitos á acção do jury.

Por esta forma não teríamos a lamentar *pelo menos* a condemnacão de innocentes e a absolvição de réos contra quem depozeram uniformemente cinco testemunhas de vista, cujos depoimentos se completaram perfeitamente, sem destruição alguma por parte da defeza.

Seja, porém, por esta ou por forma diversa torna-se inadiavel a attenção dos governos para assumpto tão grave e sério.

NOTICIARIO

SS. Coração de Maria

Superior á nossa expectativa, celebrou-se domingo com soberbo esplendor, a festividade em homenagem á Virgem, na igreja matriz d'esta villa.

Durante a missa foi executada, como annunciámos, pela orchestra do sr. Antonio Maria Valerio uma missa nova, mais uma excellente producção d'este distincto e conceituado musico, que correu sempre bem, agradando por isso muito, já pelo bem ensaiado d'aquelle trabalho musical, já pelas diferentes partes de muito mimo e impregnadas de um sentimentalismo que enlevava os ouvintes.

Receba, por isso, o velho regente e nosso amigo, sr. Valerio, e bem assim os seus socios, na sua maior parte rapazes de brio e trabalhadores, as nossas cordeas felicitacões.

Subiu ao pulpito pela primeira vez, n'aquelle templo, o nosso sympathico amigo e rev.º prior de Travanca, Antonio da Silva.

E' um orador ainda novo, com poucos annos de pratica, modesto em demasia (pecca por isso), muito intelligente e muito sabedor.

O padre Silva pronunciou um discurso breve e brilhante. A sua oração agradou pelo rendilhado do estylo, pela forma de declamar e gesticular, e, sobre tudo, pelo bem coadunado do assumpto.

Fez elle, o joven orador, a apologia da Mãe, mas fel-a em phrases sentidas, pronunciadas com suavidade, por vezes com rapidez, e sempre com clareza; e depois soube desenvolver-a com as melhores flores de rhetorica.

Orou tambem de tarde, e os seus dois discursos ficaram com certeza no agrado de todos que o ouviram, cremos mesmo que devem ter ficado impressos na alma dos ouvintes. Isto, pois, aventura-nos a, sem reboço, felicitar o padre Silva, felicitação que, em parte, se vae reflectir nos mezarios do SS. Coração da Virgem, pela sua esplendida escolha.

Ao orador a quem gostosamente ouvimos pela primeira vez, repetimos os nossos parabens, enviando-lhe um sincero e demorado abraço.

Notamos tambem a rica armação do templo. Pode-se afortunadamente dizer que aquella igreja estava adornada com todo o luxo e com inexcusable gosto.

A' tardinha procissão.

Pequena, mas bem organizada. Atraz do pallio seguia a philarmónica «Ovarense», que pela primeira vez se apresentou toda fardada na villa.

Foi por isso alvo da curiosidade e agradou muito pela boa execucao das marchas. Foi bastante a concorrencia.

Sem offensa, não esperavamos tanto dos mezarios da irmandade da Virgem; por isso, repetimos— foram superiores á nossa espectativa os festejos de domingo.

Da nossa parte, pois, sinceros parabens.

Festividade em Vallega

Mais uma festa em Vallega, a penultima que se realiza na visinha freguezia, domingo proximo, em hora de Nossa Senhora de Lourdes.

Costuma esta festa ser a principal de todas, e são muitas que se celebram alli; e dizem-nos que a de domingo redobra em esplendor.

Gostamos sempre do progresso em tudo que nos seja honroso, mórmente do progresso da christandade.

Vallega é uma freguezia de muita religião, e a prova vae-a dando de anno para anno, celebrando muitas festividades e cada vez com mais pompa.

Domingo, portanto, Vallega em peso vae visitar a milagrosa Senhora de Lourdes, depositar-lhe no casto seio as suas flores, e oferecer-lhe fervorosas preces.

Ninguem falte, pois, em Vallega. Mesmo porque seria peccado imperdoavel.

B. Barboza de Quadros

Teve passagem, a seu pedido, para a bateria de artilheria n.º 2, aquartellada na Serra do Pilar, este nosso velho e distincto amigo e dignissimo 2.º tenente.

Bernardo Barboza passou n'esta villa o dia de domingo no seio de seus presados paes, tendo nós occasião de o abraçar depois de uma ausencia de sete mezes.

O distincto militar seguiu no dia immediato a apresentar-se na bateria para onde teve passagem.

Felicitemos o nosso querido B. Barboza, tanto mais porque, de quando em quando, o vimos na nossa terra a agradar-nos com o seu bello cavaco, e a deslumbrarnos com o doirado dos seus botões e com o arrastado da sua espada!

Finamento

Finou-se no sabbado passado, em Aveiro, D. Maria da Guarda Quaresma e Mello, extremosa mãe do nosso bom amigo, ex.º sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, dignissimo 1.º official do governo civil d'aquella cidade.

Sentindo profundamente o desgosto por que o sr. dr. Mello Freitas acaba de passar, enviamos-lhe, bem como a toda a familia da illustre extincta, os nossos peza-mes.

Dr. Almeida e Medeiros

Os artigos principaes e politicos do sr. dr. Lourenço d'Almeida e Medeiros, redactor politico da nossa «Folha» e que ultimamente tem sido publicados, foram transcriptos, não só pelo *Districto de Aveiro*, mas tambem pelo *Reformador d'Agueda, Voz d'Estarreja*, e outros.

EXPEDIENTE

Vamos proceder á cobrança do 1.º semestre, que principiou em 21 de junho e termina em 21 de dezembro.

Aos srs. assignantes a quem forem remetidos os competentes recibos, pedimos a fineza de os satisfazerem com a maxima brevidade para regularmos o serviço da escripturação.

Incommodo

Contaram-nos que na semana passada, a sr.ª Rosa d'Oliveira, do Outeiro, irmã do nosso amigo, sr. Bernardo André d'Oliveira, se encontrava bastante perigosa em consequencia de ter um osso na garganta, passando tres dias em grande afflicção e dores como é facil calcular, visto os seus medicos, srs. drs. Almeida e Amaral não conseguirem tiral-o; e estando ella sujeita a uma operação que, felizmente, não se effectou, pois o osso, medeado tão longo tempo, foi para baixo.

Sentindo o caso, que podia ser fatal, por que passou a sr.ª Rosa d'Oliveira, felicitamol-a, agora que está livre de perigo, e que, segundo nos informam, se acha bastante melhor.

Notas rapidas

Chegou da sua digressão ao norte o nosso prezado amigo, sr. dr. Sobreira.

Para as Caldas de Vizella partiu o sr. dr. Serafim Baldaia. Substitue-o no seu logar de conservador, o nosso distincto amigo e intelligente advogado n'esta comarca, sr. dr. José d'Almeida.

Chegou na terça-feira a Vizella, o ex.º sr. Eduardo Ferraz, acompanhado de sua ex.ª filha.

Está entre ferros d'El-rei, por abuso de confiança, a creada do sr. João Gomes Pinto, uma tal Margaridinha, muito catitinha, mas, pelo que se vê, muito ponteirinha!

A Guida sorripiou um cordão d'oiro no valor de 20\$000 réis, e 16\$000 réis em boa moeda de papel, aos patrões, e vae d'ahi, estas, zás, queixa na administração, e esta, zás, com a bella raparigota na gaiola!

Veio inspecionar-se e ficon isento do serviço militar, José Vidal, o dandy aveirense, um bom rapaz, um excellente cavaqueador, uma santa alma, e um coração d'oiro... óco!

Encontramo-nos, e abraçamos...

Mas voltou para Aveiro; e lá se foi o moreno José, o José de Castro...

Aquelle Vidal, Aquelle brejeiro... Um rapioqueiro, Que é, sem egual!

Evasão d'um preso

Da uma para as duas horas da madrugada de ante-hontem, evadiu-se das cadeias de Pereira Juzã o preso Manoel Joaquim, de 16 annos, enjeitado, que estava a cumprir a pena de mez e meio de prisão pelo crime de roubo de um relógio a seus patrões, de S. João, d'esta villa.

O garoto, antes da fuga, fez mão baixa a um relógio no valor de 12\$500 réis, um collete e um chapéu, objectos pertencentes ao pre-

so Manoel d'Oliveira Valente—o *Lindra*—de Vallega.

Por oito dias, tempo que faltava ao *petiz* para cumprir a sentença em que foi condemnado, não valia a pena metter tanto susto ao carcereiro, e dar massada á administração do concelho.

Nos ferros d'El-Rei

Lá se acha, desde quarta-feira, M. d'Oliveira Valente—o *Lindra*—de Vallega, accusado de homicidio frustrado na pessoa de Joaquim de Pinho, antigo regedor d'aquella freguezia.

O *Lindra* apresentou-se no dia referido ao delegado da comarca, dia em que seguia para a cadeia.

SECÇÃO LITTERARIA

DE NOITE

(Ao meu amigo Ayres Silva)

Placida a Noite vem. Como um leque radiante, O bergantim da Lua ondula pelo ar... Um laivo rubro tinge o fundo lucioante: Silhouettes de luz recortam-se a cantar...

Vae passando no céu o bando soluçante D'essas Visões-de-Amor, batidas do Luar, Enquanto o bandolim de tudo o que é fragrant Nos evoca o perfil das Saatas, a resar...

E' a legião astral das Virgens cariciosas... —Lá vae a minha Amada, entre festões de rosas, Erguendo o olhar azul p'ra a Lua de alabástrons...

—E ella que é para e tem a graça de uma palma, Vem de noite florir os sonhos da minha Alma, N'um berço de missanga e oiros, embutido em Astros.

Jayme Cirne.

CHRONICA

AO CORRER DA PENNA

Indi-posição espiritual, falta de vontade, escassez d'assumpto, um mal estar incomprehensivel, depois um respeitavel e veterano callo, castigo de Deus, que me doe, que me afflige, um calor de escachar, a minha mimosa barriga em desarranjo, juntando-se a tudo isto uma preguiça de mil demonios.—digam-me se é possivel garatujar-se uma chronica.

Que isto de escrever, cança muito; e eu estou cansado de tudo, até da vida... Assim, eu aspirava o repouso eterno como ultima consolacão.

Por isso mesmo, e porque a tal Parca implacavel não vem buscar-me, resigno-me com a sorte tyranna d'este viver estúpido, semsaborão, até que outro destino me seja dado.

Mas que afferrada preguiça, leitor!...

Nada me entretém, me consola, nem mesmo o teu olhar meigo—ó querida *fifi*!

Por isso, e a esmo, vou escrevendo estas linhas sem geito, sem lugar e sem gosto.

Nem todas as occasiões são boas; e, francamente, eu hoje estou *cain-pora* a valer. Emfim, vamos a levar a cruz ao calvario com ajuda de Deus, e com a paciencia d'aquelles que me lêem.

Meio dia. Em poucos minutos, vem a creada de sala transmittir da creada de cosinha—«Queira V. Exc.ª vir-se... chegando. Está o jantar na meza.» Sua exc.ª—que é este fiel admirador de vossas excellencias—janta; depois cavaqueia, dorme em seguida um sonno de duas horas; ao pôr do sol, isto é, quando o sol se põe no occaso, sua exc.ª vai fazer o seu *toilette*: laço cõr de rosa, botões com finissimos brilhantes de tostão, calças claras, á ceroulada, sapatinho pellica holandeza, de boca larga e saltos cambados, chapéu palhinha *xili* fino,

bengallinha castão d'oiro, e elle ahí vai, quando o sol se põe no occaso, elle, sua exc.ª, este creado de vossas excellencias, estrada arriba, até á Avenida das Pontes, e d'ali ao Chiado, cumprimentar o Alves, e esse enxame d'abilhões catitas, esse terror das abelhas formosas, esbeltas, tentadoras, que passam a tarde na loja do sr. F... ou do sr. G... ou do sr. H... a comprar algodão verde p'ra um par de coturnos para *elle*, que gosta, que morre por *ella*; na praça do peixe onde se demoram duas horas a ajustar um vintem de sardinhas escochadas; no chafariz, na fonte, etc.

Noite fechada—estúpida vida—debandam os abilhões: uns até ao Gremio render amabilidades velhas ás senhoras, dar quatro voltas com garbo, mostrar o seu *saléro* no *pas-de-quatre*; outros á piada, tambem piada batida, ás pequenas, ás taes abelhas seductoras que veem, chaile a cobrir os doces labios, da loja do sr. H... do peixe, da fonte, de casa da sua costureira Maricas Francisca, da sua amiga Angelasinha, da Tia Joanna do Espirito Santo «que está a morrer e que era uma mulher de muito boas fallas e de muita religião»; e outros, finalmente, como eu, cheios de tedio, maldizendo tudo isto, dois dedos de cavaco para intertenimento até essas nove ou nove e meia.

Depois, só sei de mim, e de mais ninguem. Depois, vem s. ex.ª até palacios, chapéu na deistra, a tomar no toutiço as brizas fagueiras da noite; e, apresentado pela creada de sala o respectivo chá, vae, vella na mão, até aos seus virginaes aposentos; consome em dois minutos um cigarrito; escreve estas linhas; apaga a luz; reza a sua oração costumada «Com Deus me deito, e com Deus me levanto» de joelhos, na cama; adormece em seguida; e no dia immediato, ahí por essas 5 ou 9 horas, faz-se a pé a dar ordens aos seus muitos creados e... vae visitar as suas quintas.

Aqui teem os leitores sem quererem, a minha vida a descoberto. Porém, as particularidades não as conto, nem á mão de Deus padre. Vou jantar. «Boas-tardes».

Jayme.

ANNUNCIOS

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 60 dias, a contar da segunda e ultima publicacão d'este no *Diario do Governo*, citando João Pereira Gomes da Fonseca e mulher, auzentes em parte incerta no Brazil, para assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por morte de Manoel José Gomes da Fonseca e mulher, do largo de S. Miguel, freguezia d'Ovar.

Ovar, 24 d'agosto de 1894.

Verifiquei.

O juiz de direito, Salgado e Carneiro.

O escrivão, João Ferreira Coelho.

Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 211 a 219
PORTON'esta officina, imprime-se
bilhetes de visita a 150,
200, 240, 300, 360 e 400 réis.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviem-se pelo correio, a
quem enviar a sua importan-
cia adeantadamente.

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartório do escrivão Ferraz, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Antonio Duarte Maravalhas, casado, residente em Lisboa; João Bernardo Carvalho, tambem residente em Lisboa, e mulher Rosa d'Oliveira, residente no Porto; Antonio da Costa Lavrador, solteiro, menor pubere, residente em Lisboa, todos em parte incerta, para assistirem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de João Duarte Maravalhas, morador, que foi, na rua das Neves, d'esta villa.

Ovar, 20 de agosto de 1894.

Verifiquei

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(17)

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 7 d'outubro proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre a avaliação, na execução por causa certa que Maria dos Santos e marido, movem contra Anna dos Santos e marido, todos d'Ovar, sendo as despesas da praça e meia contribuição de registo á custa do arrematante, a seguinte

PROPRIEDADE:

Uma morada de casas terreas com armazem no quintal e mais pertenças, sita na rua do Loureiro, d'esta villa, allodial, a partir do sul com José Soares Balreira, e nascente com a rua, avaliada em 150\$000 réis.

São citados quaesquer credores.

Ovar, 21 d'agosto de 1894.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro,

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.

(18)

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 7 d'outubro proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre a avaliação, por deliberação do conselho de familia e para pagamento de dividas, no inventario orphanologico a que se procede por obito de Manoel Alves Ferreira, que foi, d'Esmoriz, sendo todas as despesas á custa do arrematante, a seguinte

PROPRIEDADE:

Uma morada de cazas baixas com costinha de lavradio e mais pertenças, sita na estrada Nova d'Esmoriz, a partir do norte com José Pereira Ferreira, e sul com a estrada, avaliada em 175\$000 réis.

São citados quaesquer credores.

Ovar, 21 d'agosto de 1894.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.

(19)

Fabrica de adubos chimicos do norte de Portugal

Administrador—Astier de Villate,
agronomo

ADUBOS para milho e feijão, leguminosas, vinho, cereaes, etc.

Superphosphatos, phosphatos, nitratos, sulphato de potassa, chloro de potassa, kainst, gesso, cal. Dósa gens garantidas.

Enxofre em pedra e moído.
Enxofre com sulphato de cobre, contra o oídium e mildew

Este enxofre tem a cor azul devida ao sulphato do cobre. Exigir esta cor, ficando certo que o preparado tem pelo menos 10 p. c. de sulphato de cobre.

Enxofre Skawinski.
Escriptorio, rua Formosa, 250—Porto.

CONCURSO

DO

Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica

UMA MEMORIA A PREMIO

Os esforços do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica* em bem servir a santa causa da lavoura nacional, teem sido amplamente compensados não só pela constante e valiosa collaboração dos seus amigos, que formam o numero e distincto corpo de redacção, mas tambem pelo entusiastico acolhimento que lhe foi feito em todo o paiz, e o que é mais, nas ilhas e possessões ultramarinas.

Isto que é muito, que nos pehora e que nos orgulha, collocamos porém no sagrado dever de não nos contentarmos com os louros adquiridos, obrigando-nos, reconhecidos, a trabalhar mais e mais em tornar o nosso jornal cada vez de maior interesse para os

seus leitores que tão devotadamente o protegem.

Para este fim resolvemos iniciar uma série de concursos onde serão admittidas memorias inéditas sobre os assumptos que mais podem utilisar á nossa agricultura. A mais valiosa d'estas memorias será conferido um premio, por jury competentissimo na especialidade, premio que, se não representará uma recompensa valiosa do trabalho feito, será comtudo um galardão de honra, uma enobrecedora distincção, a mais valiosa e digna de todas as condecorações.

O *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, dando-lhe em seguida larga publicidade nas suas columnas, tornará conhecido de todos quantos no paiz e no estrangeiro se interessam de alma e coração pelos progressos do nosso maior e mais valioso ramo de industria, a rural, o glorioso nome do vencedor.

Como as questões vitícolas são as que ao presente mais nos interessam, e como infelizmente não ha entre nós um estudo completo sobre as castas das videiras cultivadas no paiz, falta devéras sensível, resolvemos que a primeira memoria posta a premio versará sobre tão valioso thema.

O jury que tem de avaliar os trabalhos apresentados a este primeiro concurso, é composto dos ex.^{mos} srs.:

Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite, notabilissimo viticultor de larga erudição, e um dos primeiros, senão o primeiro introduzidor de videiras americanas em Portugal.

José Taveira de Carvalho, o sabio director dos trabalhos ampelographicos, tão notavel agricultor como escriptor distincto.

Visconde de Villarinho de S. Romão, o illustre auctor dos *Flagellos da Videira*, do *Portugal Agricola* e de muitos outros bons trabalhos de propaganda em defeza da lavoura nacional.

Não podíamos, pois, apresentar cavalheiros mais competentes e de mais segura garantia para uma justa e imparcial adjudicação do premio que consistirá na quantia de

CEM MIL RÉIS

O concurso para o qual chamamos a attenção de todos os nossos leitores, será regulado por o seguinte

Programma

1.º Por espaço de quatro mezes a começar em 1 de julho e terminar em 31 de outubro, está aberto um concurso publico, para uma memoria inédita, escripta em lingua portugueza, sobre o seguinte thema: *As castas de videira cultivadas em Portugal sob o ponto de vista na qualidade, produção, adaptação e resistencia ás diversas epiphytias.*

2.º As memorias teem de ser entregues na redacção do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, até ao dia 31 de outubro de 1894, inclusivê, acompanhadas de um envelope fechado incluindo o nome do auctor e tendo externamente uma divisa igual á inserida no involucro da memoria.

3.º Só o envelope correspondente á divisa do trabalho premiado, é que será aberto afim de ser conhecido o nome do auctor. Os outros serão entregues intactos, juntamente com as respectivas memorias, em troca do recibo de recepção.

4.º O jornal publicará a memoria premiada, cuja propriedade lhe fica além d'isso, pertencendo para todos os effeitos.

5.º Ao auctor da memoria classificada em primeiro logar pelo jury será immediatamente adjudicado o premio.

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 111 a 119—PORTO

(Em frente á Rua de Santo Ildefoso)

Dramas, comedias e scenas-comicas

<i>Cynismo, scepticismo e crença</i> , Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição)	300
<i>O captivo</i> , (do mesmo auctor), canção original	50
<i>Henriqueta, a aventureira</i> , (do mesmo auctor), drama em 3 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama	400
<i>Os homens que riem</i> , (do mesmo auctor), comedia em 3 actos	400
<i>Homens e feras</i> , (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos	400
<i>Os viscondes d'Algarão</i> , (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros	400
<i>O poder do ouro</i> , por Dias Guimarães, drama em 4 actos	500
<i>O Condemnado</i> , (do mesmo auctor), drama em 3 actos e 4 quadros	400
<i>Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores</i> , (do mesmo auctor)	400
<i>A Judia</i> , por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos	400
<i>Magdalena</i> , (do mesmo auctor), drama em 4 actos	400
<i>Helena</i> , (do mesmo auctor), comedia em 5 actos	400
<i>No palco</i> (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume	400
<i>Dá cá os suspensorios</i> , (do mesmo auctor), comedia em um acto	100
<i>Villão, o fugitivo da cadeia do Porto</i> , (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos	200
<i>Ambos livres</i> , por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto	100
<i>Os homens de bem</i> , por Antonio Correia, drama original em 5 actos	300
<i>O homem põe</i> (do mesmo auctor,) quipróquo em 2 actos	160

<i>Tribulações d'um marido</i> , por João Coutinho Junior, scena comica original	100
<i>O processo do Rasga</i> , parodia ao <i>Processo do Cancan</i> , (do mesmo auctor,) opereta comica e burlesca em 2 actos e 3 quadros	300
<i>O casamento do Rasga</i> , continuação ao <i>Processo do Rasga</i> , (do mesmo auctor)	200
<i>Quatro devotos de Baccho</i> , (do mesmo auctor), parodia á opereta burlesca de Offenbak <i>Grä-Duqueza de Gerolstein</i>	60
<i>O 100</i> , (do mesmo auctor), scena comica original, ornada de musica	60
<i>Lamentações d'um andador</i> , (do mesmo auctor), scena comica original	60
<i>O casamento da confeitadeira</i> , (do mesmo auctor), comedia em 1 acto, ornada de musica	200
<i>Os apóstolos do mal</i> , por Agostinho Albano, drama em 3 actos, 8 quadros e 1 prologo (traducção)	400
<i>O testamento azul</i> , por Jayme Venancio, zarzuela em 3 actos, traducção livre	300
<i>O Porto escorrega tanto!</i> (do mesmo auctor), scena comica original	100
<i>O sargento-mór de Villar</i> , por Augusto Garraio, drama em 5 actos e 6 quadros, extrahido do romance de igual titulo, de Arnaldo Gama	350
<i>Os tripeiros</i> , (do mesmo auctor), chronica do seculo XIV, drama historico de grande espectaculo em 5 actos, baseado no romance do mesmo titulo do fallecido escriptor C. Louzada	300
<i>A falsa adúltera</i> , por Julio Gama, drama em 5 actos e 6 quadros, traducção	300
<i>Os espelhos de D. Maria Avó</i> , por F. Assis Pinheiro, comedia em 1 acto	100
<i>Morgadinha de Val d'Amores</i> , por Camillo Castello Branco, comedia em 3 actos	400
<i>O prompto allivio</i> , por M. Fernandes Reis, comedia em 1 acto	100

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvado por decreto da mesma data, contendo as tabellas das industrias; taxas de imposto segundo a ordem da terra; prazos das reclamações; fundamento d'ellas, etc., etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e aggravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis; pelo correio, 220.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 220 réis em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

Rua Aurea, 242-1.ª

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

IMPRESSA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219